

DUARTE, Rosina (org.). *Contos sem fadas: retalhos de memória*. Porto Alegre: Tomo, 2006.

Contos sem fadas é um livro especial. A organizadora reuniu dezesseis narrativas de fontes orais. As fontes foram histórias narradas e ou vividas por mulheres simples, habitantes da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, na região do município de Bajé. Participaram do projeto 116 informantes-narradoras. Depois das narrativas, que constituem a relevância principal do trabalho, seguem-se seis outros itens: *Receitas de vó, Mate de mulher, Benzeduras e simpatias, Farmácia caseira, Canções e versos, Pequeno dicionário*.

A organizadora esclarece na introdução, intitulada *Ponto por ponto* (em referência a trabalhos manuais femininos com agulhas), que procurou desfazer-se das falas originais e dar aos textos a possível uniformidade estilística. Apesar disso, a obra resultou interessante como leitura e relevante como contribuição à cultura. Titubeia, nalguns casos, no entanto, a expressividade discursiva. Isso acabou, por vezes, raras contudo, por levar a leitura a centrar-se quase exclusivamente no enredo de certas narrativas. Isso de deveu ao fato de os discursos das informantes terem transferidas para voz narradora única, que se confunde com a organizadora da obra.

A obra, no todo, provoca a imaginação do leitor, porque o imaginário coletivo da região, aliado à imaginação das narradoras-fontes, retira-o do chão-chão e o alça ao mundo mágico das vovolândias. O primeiro período de *Ponto por ponto* já introduz essa ideia: “Na língua portuguesa não existe uma palavra para definir a condição de órfão de avó. É uma pena, porque essa é uma perda que não se compara a nenhuma outra e deixa um vazio residual que nos acompanha a vida toda”.

O toque humano (e neo-humanista) que o livro torna permanentemente presente começa na introdução:

Todas somos autoras [escreve a organizadora], em especial as integrantes do grupo de terceira idade. Elas nos transmitiram não apenas suas histórias e afetos, mas o sentimento de dignidade feminina, a teimosia de não esquecer e a disposição de repudiar a condição descartável reservada aos idosos deste país.

As Histórias esquecidas, título que abre a seção das narrativas, iniciam pela história de uma parteira. Trata-se de *Herdeira de Deus*:

O afago, a palavra de alento, o olhar de remanso e a voz de ninar filho pequeno eram instrumentos tão úteis quanto a tesoura de aço, as pinças, as agulhas, as linhas de náilon e seda, o mercurocromo e os panos desinfetados que carregava na bolsa. A arteira sabia disso sem ter consciência do seu saber, com intuição de mãe terra, senhora da vida.

Era herdeira de Deus, porque “ela, uma humilde parteira, era capaz de fazer a vida acontecer”.

A segunda, uma das mais impressionantes narrativas, se intitula *Boca da noite*. Trata da fuga de casa empreendida por duas meninas. Uma tinha entre sete e oito anos; outra, quatro. Foi uma fuga noturna, porque o castigo previsto para a mais velha seria terrível. É uma narrativa cheia de itens terrificantes, mas ao longo dela o amor espreita e se realiza.

Penteado de noiva circunda preparativos, expectativas e consequências do casamento. A violência experienciada pelas mulheres, no casamento, é centro temático da história.

Oração do internato é uma narrativa contundente. Orar é falar, expressar-se pela boca, “porque a palavra, Senhor, parece que dá vida às coisas”. A história está centrada na inocência da menina que reza e na forma violenta com que lhe impingem a fé e a obediência.

Desmaio no camarim tematiza o sonho de luzes de quem almeja ser ator, no caso, atriz, mas habita na amplidão pouco povoada da Campanha. Fica um paralelo entre o que podem ser as coisas no mundo e como elas nos são apresentadas, para que se mantenha a fluidez da irrealidade, ou, se quisermos, a mentira.

Em *Nuvem de chuva*, o leitor toma contato com estranha personagem oriunda do mundo concreto-sensorial: uma jovem meteorologista. As atividades dela, a serviço do Ministério da Agricultura, se desenvolveram a partir da primeira maioridade: “Desde os 18 anos, ela conhecia o amanhecer, porque precisava fazer a primeira medição dos aparelhos e enviar as informações por telégrafo [...]”. “Apesar da graciosa beleza miúda, pele de rapadura de leite e lábios de pitanga madura, nunca recebeu uma única proposta de casamento”.

Outra preciosidade é *Mate de comadre*. Essa narrativa trata de hábitos femininos no uso do mate. Variedades e acompanhamentos do mate doce, charlas e telenovela aparecem como costumes domésticos femininos. “[...] temperavam a insossa realidade com pitadas de sonho, do mesmo jeito com que quebravam o amargo do mate com colheradas de açúcar”.

As relações que a vida força, o que se vê e o que sequer supomos nas relações humanas são objetos de reflexão em *Quase siamesas*. A compulsão, a educação e a necessidade decidem as ações. “Eram bem diferentes, quanto a pedra e a madeira. No entanto, Divina era prima, cunhada, comadre, madrinha e madrasta de Dora”.

Boi amaldiçoado narra experiências e sentimentos de uma menina cujo pai trabalhava num matadouro. “A menina podia sentir o pavor dos bichos, quando a tropa chegava ao matadouro [...]”. Entranhou-se nela o terror, pelo que via. Certa noite, em atitude semelhante ao que ocorreu com a personagem de *Chapeuzinho amarelo* de Chico Buarque, a menina resolveu enfrentar a noite, porque as noites a aterrorizavam.

Há uma inusitada história de greve (ou “operação tartaruga”). Foi protagonizada por um casal muito unido. Ele era empregado da estrada de ferro. Tal interesse imprimiu essa história nas crianças do local, que passou a ser a preferida delas, sobre outras, por mais tradicionais que fossem. Trata-se de *Cama nos trilhos*.

Em *Baile de campanha*, narram-se episódios de desentendimentos amorosos e de encantamentos. Especial é a atração que o relato de uma moça do campo, que teve

oportunidade de conhecer o carnaval da cidade, exerce sobre as pessoas de seu lugar de origem, no retorno dela.

Presente de Natal narra episódios cruéis de uma moça de condições e proporções físicas estranhas ao normal (ou ao que se imagina comumente) das moças. Como o pai tivesse dúvidas sobre o possível casamento da filha, mandou construir um colégio para ocupá-la, na solidão da Campanha, porque “mulher feia precisa ter utilidade”!

Costumes do campo, ações cotidianas, sonhos e expectativas enchem as páginas do conto *Primeiro voto*. Essa é a história de uma jovem que desejava ardentemente votar, escolher pessoas para postos políticos. A realização íntima que o direito de votar lhe proporcionava advinha do poder de decidir por si própria e efetivar a escolha que tivesse feito.

Conto magistral, especialmente envolvente e, em momentos, chocante, é *Batismo na sanga*. Tal força tem, que parece saído do mito. A mulher esquecida do mundo, maltratada pelo trabalho, pela solidão e pelas pessoas, renasce de dentro da morte.

“Glória era estancieira de posses, mas, para obter os contos de réis necessários à aquisição da cadeira de ouro [no céu], precisava vender algumas quadras de campo”. Desse núcleo temático se desenvolve *Cadeira no céu*, conto marcado pela ironia. Com personagens centrais estigmatizados pela maldade e pela hipocrisia, o conto lembra *Negrinha* de Monteiro Lobato.

Fogueira no pátio encerra a coletânea de contos. Diferentemente dos demais (cujas narrativas se localizam cronologicamente no século dezenove e um no dezoito), esse está ubicado cronologicamente no século vinte. A fogueira é de livros, e o motivo é a perseguição empreendida pela ditadura do governo militar implantado em 1964.

A obra se completa com seis outras breves seções, citadas no início desta resenha. Sem deixarem de ser interessantes, essas seções, porém, não correspondem exatamente ao interesse que suscitam, quando o leitor as encontra no sumário e no corpo do livro.

Contos sem fadas cumpre dois papéis principais. No primeiro, preenche lacuna sempre persistente entre nós de narrativas de origem popular e feminina. Em geral, a tendência do olhar da crítica em periódicos especializados e em jornais diários é valorizar outras fontes de produção de textos literários ou não, especialmente as estrangeiras. No segundo papel, que também é duplo, ensaia a narrativa literária e a narrativa escrita de história oral.

Contos sem fadas é obra que merece ser lida por estudiosos da literatura, da sociologia, da história, da psicologia, da antropologia; pelos leitores de todas as idades que encontram na literatura modo de refletir sobre as circunstâncias da vida humana e sobre as coisas do mundo; pelos que desejam o lídimo encantamento que a arte proporciona.

Cicero Galeno Lopes